

## Editorial

# Do desenho e suas imparidades

### Organizadores:

**ANNA MORAES**

Universidade do Estado de Santa Catarina  
<https://orcid.org/0000-0003-4990-2438>

**CAMILA MOREIRA**

Universidade Federal de Minas Gerais  
<https://orcid.org/0000-0001-7427-0183>

**EDSON MACALINI**

Universidade Federal do Vale do São Francisco  
<https://orcid.org/0000-0002-9156-2337>

Quando nos reunimos para pensar esta convocatória, decidimos pela diversidade que abarca o universo “*do desenho*” por ocupar um vasto território e ampliá-lo ainda mais à medida em que o compreendemos e entendemos a sua pluralidade. Nas pesquisas e produções artísticas contemporâneas, é evidente o forte desejo por sua autonomia, que borra fronteiras estéticas ao resgatar valores esquecidos de suas origens antes mesmo dos primeiros registros de escritas.

Concordamos que, ao tentar definir o desenho na contemporaneidade, somos conduzidos a um território liminar, uma zona ambígua e dinâmica entre definição e indefinição, identidade e transição. O termo liminar designa tanto aquilo que antecede o assunto principal quanto aquilo que se situa entre dois locais, no limite ou na fronteira. Esta característica liminar do desenho contemporâneo reflete-se em sua capacidade de exceder categorias rígidas, posicionando-se na fronteira entre a tradição e a inovação. Se, por um lado, ele pode seguir convenções estabelecidas e técnicas clássicas que oferecem uma base sólida para a criação artística; por outro, ele se abre a novas possibilidades e experimentações que desafiam essas convenções, propondo um jogo de dualidades que coloca o desenho da contemporaneidade em uma linha tênue entre um eco do passado e uma projeção futura.

O desenho e suas imparidades é, então, posto sob um olhar de unicidade e decisão. Busca-se, assim, um elogio ao fazer, contemplando cada linha, cada traço como um discurso que emerge de sua condição primeira: o desenho como pensamento transluzente do obscuro gueto do processo criador.

Ademais, enquanto imparidades, pensamos o desenho por vias paralelas que nos remete também ao universo particular, aos modos de criar de cada artista, que, mesmo que impregnado de procedimentos técnicos universais ou

culturais, insere gestos pessoais e intransferíveis quando inaugura singularidades em suas poéticas. Dito isso, o dossiê intitulado *Do desenho e suas imparidades* propõe-se a explorar as multiplicidades de direções possíveis que o desenho pode tomar, abrangendo tanto o que pode ser considerado tradicional quanto inovador. Ele analisa os aspectos ímpares e pares, questionando permanências, a reprodutibilidade, à cópia, o íntimo e o público, ampliando as trocas entre leitores e escritores a partir de seus repertórios.

O desenho retoma aqui singularidades já postas do princípio da comunicação humana – desenhos e escritas se fundindo no mundo gráfico que habita, se expandindo e adentrando outras linguagens. “Desenho não é coisa somente de lápis e papel”, mas é ação e registro da linha, traço, forma provocada por objetos; é também devaneios, imaginações, pensamentos, descrições e narrativas que permitem construirmos outros desenhos, mentais e escritas.

O desenho possui uma natureza transitória em sua materialidade. Frequentemente incorpora elementos de outras disciplinas artísticas, seja de caráter prática ou pedagógica, da Arquitetura, do Design e de outras áreas, como as ciências naturais e as engenharias, pertencendo a zonas híbridas que não se encaixam facilmente em categorias artísticas predefinidas. Essa transitoriedade renova continuamente a percepção do que é o desenho e quais são seus limites.

Suas possibilidades vão além do traço sobre o papel, incluindo o desenho digital, o desenho instalativo – que interage com o espaço tridimensional – e o desenho performático, em que o ato de desenhar torna-se uma performance e acrescenta uma dimensão temporal e efêmera à prática do desenho. Além disso, reafirmamos o caráter inerentemente interdisciplinar do desenho contemporâneo, cruzando fronteiras entre diferentes formas de arte e áreas do conhecimento. Ele pode se integrar com a escultura, a performance, a instalação e as artes digitais, criando obras que desafiam categorizações tradicionais.

O desenho também se encontra no lugar de passagem para concretização de obras em múltiplas linguagens que nascem de esboços, rascunhos, rastros, vestígios, anotações que surgem do pensamento e migram para o mundo dos projetos, objetos, artefatos, intersecções, simbioses estas que adquire características de acordo com a concepção de cada grupo social, povo ou cultura.

Nas produções artísticas contemporâneas, tem sido comum a presença do desenho dedicado às escritas e/ou faturas que revelam suas imparidades, paridades, personalidades daqueles que criam e singularidades de seu universo. Nutrem diálogos e inquietações plurais, oriundas dos artistas/pesquisadores que desenharam, investigam e/ou escrevem. Assim, torna-se cada vez mais terreno fecundo de discussão transdisciplinar, dialogando com profissionais de forma universal, autônoma e perceptiva.

O filósofo Jacques Derrida (2012) inferiu diversas contribuições a respeito dos modos de ver, interpretar e até mesmo compreender o desenho sob os aspectos estéticos ao afirmar:

“O que é o desenho?”, minha resposta é: “Eu não sei o que é o desenho”. E, incessantemente, sou tentado a reconduzir o desenho, na medida em que ele desenha alguma coisa e em que identifica uma figura, na medida em que é orientado pelo desígnio, isto é, por um sentido, ou uma finalidade, que permite sua interpretação, sempre sou tentado a puxar o desenho para o insignificante, isto é, para o traço. E foi por aí que, incessantemente, fui levado a reconduzir minha preocupação com o desenho na direção da minha preocupação mais antiga e mais geral com o traço de escrita, com a linha da escrita na medida em que consiste em rede ou sistema de traços diferenciais (Derrida, 2012, p. 165).

Sendo assim, os organizadores deste dossiê compreendem a produção e pesquisa em desenho como redes ou sistemas plurais. Esse entendimento conduz os eixos norteadores desta coleção de escritas, que incluem produções sobre os procedimentos de criação de desenhos em ateliês, pesquisas, práticas coletivas contemporâneas e o ensino do desenho em diferentes ambientes educativos. As produções selecionadas articulam reflexões, entrelaçamentos estéticos e poéticos e até mesmo divergências, delineando seu próprio trajeto através do desenho. À medida que as produções foram chegando, deparamo-nos com a imensidão de caminhos que o universo do desenho permite explorar. Os autores evidenciam a pluralidade através de suas escolhas e interesses, conduzindo suas criações e afirmações de maneira particular. Essa diversidade não só enriquece o campo do desenho contemporâneo, como também oferece uma visão abrangente e multifacetada de suas possibilidades e desafios.

Dito isso, convidamos você, leitor/a, para a descoberta dos textos, imagens, narrativas e lacunas que abarcam cada um dos trabalhos aqui colocados, entendendo o desenho e suas imparidades como território profundo e profícuo para se pensar o desenho na contemporaneidade.

## Referências

DERRIDA, J. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível* (1979-2004). Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.